



## **AS PEDRAS NOS CAMINHOS: DESAFIOS DE SE ESTUDAR GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA NUM CURSO DE ENSINO A DISTÂNCIA**

LOZANO, Marie-Anne Stival Pereira e Leal  
*Doutoranda Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH/UFSC*  
*marie.lealozano@gmail.com*

SILVA, Izabelle Cristine  
*Mestranda em Letras – UFSC*  
*izabelle.letrasport@gmail.com*

699

### **RESUMO**

Neste artigo iremos apontar alguns desafios e obstáculos que ainda devem ser superados no ensino a distância no que se refere aos estudos de gênero e diversidade, procurando ainda traçar algumas das dificuldades apontadas pelas/os desistentes do curso de extensão Gênero e Diversidade na Escola ofertado pelo Instituto de Estudos de Gênero em parceria com a UFSC, demonstrando um pouco sobre o perfil destes/as. A idéia aqui é tentar desvelar as principais dificuldades encontradas por essas/esses profissionais no que se refere à educação inclusiva à distância, construindo assim uma análise que possa ser utilizada em estudos futuros para uma melhor aplicabilidade dessa modalidade de ensino. Como resultados, procuraremos demonstrar o perfil e o motivo de evasão apontados pelas/os cursistas que participaram do mesmo em sua edição 2012.

**Palavras-chave:** Gênero e Diversidade na Escola, Estudos de gênero, Ensino à distância.

### **ABSTRACT**

This article will highlight some challenges and obstacles that must also be overcome in distance learning regarding the gender and diversity studies, seeking to draw in this way some of the difficulties pointed out by dropouts on Gender and Diversity in the School extension Course offered by the Institute of Gender Studies in association with UFSC, demonstrating slightly their profile. The idea is to try to unveil the main difficulties encountered by these professionals regarding the inclusive education in a distance learning course, thus building an analysis that can be used in future studies to better applicability of this type of education. As a result, we'll try to demonstrate the profile and the dropout reasons pointed out by course participants who attended the same in its 2012 edition.

**Key-words:** Gender and Diversity at the School, Gender Studies, Distance learning.

### **1. Introdução**

Esse artigo procura apresentar alguns obstáculos e desafios na formação de profissionais da educação na Segunda edição do curso Gênero e Diversidade na Escola ofertado pelo Instituto de Estudos de Gênero em parceria com a Universidade Federal de



Santa Catarina e com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), ocorrido entre setembro de 2012 e julho de 2013. Tendo como público-alvo professoras e professores da rede estadual de ensino em cinco municípios catarinenses, Florianópolis, Itapema, Palmitos, Praia Grande e Pouso Redondo, o curso teve como objetivo ampliar a compreensão e o debate acerca de temáticas que abordavam questões relacionadas ao racismo, sexismo, raça-etnia, homofobia e outras diversidades na escola. É importante ainda mencionar que, apesar de ter sido um curso com caráter de extensão ofertado à distância, o GDE/UFSC promoveu seis encontros presenciais em cada polo entre outubro de 2012 e julho de 2013 em quatro dos cinco polos<sup>1</sup>, sendo desenvolvido como trabalho final um projeto de intervenção aplicado nas escolas em que os/as cursistas atuavam, e que foi apresentado no último encontro de cada polo, seguido de uma formatura com homenagens e entrega dos certificados.

Tendo sido incorporado em diversos tipos de estudo em todo mundo, o uso da educação a distância facilita e permite diversos deslocamentos, flexibilizando horários e ambientes de ensino. No entanto, alguns desafios são colocados no que se refere ao acesso às tecnologias utilizadas, assim como na nova maneira de se encarar o estudo enquanto aluno/a cursista. Como as/os cursistas do Gênero e Diversidade na Escola (GDE/UFSC) que superaram diversos desafios para conseguirem concluir o curso, mas nem todos/as assim o fizeram - algumas/alguns acabaram permanecendo no caminho, sem participar das discussões, interrompendo seus estudos em meados do curso, permitindo que os obstáculos realmente tornam-se pedras em seus caminhos. Refletiremos neste texto um pouco sobre as razões destas desistências e abandonos nos focando sobre o desafio de aprendizagem de novas tecnologias de ensino.

## **2. Desafios de se estudar gênero e diversidade à distância**

Pensado como um curso a distância que promove a discussão de temáticas de gênero, diversidade, raça e etnia na formação de professores, o curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE) é replicado nas mais diversas instituições federais do Brasil nas mais variadas formas: existem cursos GDE de extensão, de aperfeiçoamento e, inclusive, de pós-graduação *latu sensu* (como uma especialização nas temáticas do assunto). Segundo o Censo 2013 dos cursos

<sup>1</sup> Sendo que o pólo Praia Grande realizou cinco encontros presenciais.



Ead, feito pela ABED são ofertados aproximadamente 5.083 tipos de cursos livres no país, sendo que 32% são cursos de atualização, 31% são cursos de aperfeiçoamento, 20% são cursos de extensão universitária (caso do GDE na UFSC em 2013), 5% são cursos de iniciação profissional, 3% são cursos de treinamento operacional ou de habilidades sociais, e 1% de cursos de idiomas, tendo ainda 6% de cursos que não foram informados.

Oreste Preti (1998) acredita que ao estarmos falando de educação estamos falando de todos os aspectos da vida que ela abarca, ou seja, as relações pessoais, sociais, políticas com a natureza e com o seu entorno. Caminhando nesse sentido, o curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE) surge como uma experiência inédita de formação de profissionais de educação à distância nas temáticas de gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais, procurando tratar dessa variedade de temáticas se utilizando tanto do ambiente virtual de ensino, como também de materiais didáticos gratuitamente distribuídos e de encontros presenciais realizados mensalmente (HEILBORN e ROHDEN, 2012).

Miramar Ramos, Maia Vargas e Suzana Maria Valle Lima (2004), num estudo sobre as barreiras que enfrentam os/as cursistas que participam de treinamentos de educação a distância, perceberam dois tipos de empecilhos que interferem o processo de aprendizagem e a continuidade desse tipo de ensino: as barreiras institucionais e as barreiras pessoais. As barreiras institucionais são definidas pelas autoras como obstáculos relacionados ao domínio macro da organização, associados tanto às questões de tomada de decisão como de gestão de recursos, sejam eles de que ordem for. Ramos, Vargas e Lima categorizam dois tipos de obstáculos neste nível: (a) Infraestrutura organizacional – obstáculos que interferem na implantação de um programa de educação e treinamento a distância vinculados às questões de ordem gerencial, técnica e administrativa (como falta de apoio dos dirigentes das escolas e de recursos físicos, materiais e humanos, por exemplo); e, (b) Infraestrutura instrucional – obstáculos relacionados ao planejamento, desenvolvimento e execução dos eventos instrucionais no polo e virtualmente que integrarão o programa de educação e treinamento a distância.

Mais subjetivos e também responsáveis por grande parte das desistências em cursos de ensino a distância são as barreiras pessoais, obstáculos que se relacionam com certas características que os indivíduos possuem e/ou as situações por eles enfrentadas que podem interferir na eficácia de um evento instrucional. As autoras apontam três tipos de obstáculos pessoais que podem intervir nesse tipo de ensino: (a) obstáculos demográficos, ou ainda,



características pessoais e funcionais dos indivíduos, que podem influenciar no desempenho do evento instrucional, como, por exemplo, gênero e local de lotação profissional, (b) obstáculos motivacionais, relacionados às atitudes dos indivíduos com relação ao evento instrucional, os quais podem influenciar o processo de participação, desempenho e persistência; e ainda, (c) obstáculos tecnológicos, que se referem às atitudes dos indivíduos em relação ao uso das novas tecnologias da informação e da comunicação, particularmente o computador, na realização de eventos instrucionais.

Ao analisar dados do Censo dos cursos Ead da ANBED (2013), apesar da evasão persistir como um obstáculo na Ead, houve uma redução do nível de evasão a partir de 2010, uma vez que nos cursos livres ofertados a distância até este ano, acontecia uma evasão aproximada de 20% das/os cursistas, e nos dados de 2013 esse índice se aproxima dos 10%. As causas apontadas para a evasão nesse tipo de curso estariam relacionadas à falta de tempo para estudar e participar do curso (21,1%), acúmulo de atividades no trabalho (14,8%), falta de adaptação à metodologia do curso (14,3%), desemprego (5%), viagens a trabalho (4,2%), impedimento criado por chefias (2,6%), entre outros motivos (15,8%).

Tendo em vista este cenário, buscamos no presente artigo investigar qual foi o perfil dos/as cursistas e o motivo da desistência destas/es do GDE UFSC em sua edição 2012/2013 procurando também refletir sobre as dificuldades e os desafios de se estudar temáticas concernentes às questões de gênero e diversidade como modalidade de ensino à distância. Para isto analisaremos também como se deu a implementação do GDE/UFSC nessa edição.

### **3. Estudos de gênero e diversidade a distância: isso funciona?**

Dois textos escritos pelas equipes da primeira edição do GDE UFSC (2008-2009) nos ajudam a refletir sobre as dificuldades de se estudar gênero e diversidade através do ensino a distância vivenciadas em Santa Catarina. Destacamos que nestes textos há uma forte ênfase nas dificuldades de acesso ao ambiente de ensino virtual e de aprendizado com o formato virtual que o ensino a distância exige. Para Tânia Mara Cruz (2009), professora na primeira edição do curso GDE na UFSC em 2009, ao se combinar a formação de gênero com cursos de extensão à distância, vários são os benefícios possíveis de serem atingidos, tais como a ampliação de oportunidades para atualizar habilidades, como também a redução de custos educacionais e a utilização de estruturas educacionais já existentes como os pólos de EAD da



UFSC. Há ainda a oportunidade de se trabalhar com diversos profissionais da educação questões referentes às desigualdades presentes entre os grupos etários, acrescentando novas áreas de conhecimento dificilmente trabalhadas no cotidiano e permitindo às/aos cursistas garantir a formação continuada em um equilíbrio com as jornadas de educação, de trabalho e de família.

A questão do ambiente de ensino virtual é também algo que deve ser configurado de acordo com a demanda do curso, mas respeitando a diversidade de sujeitos que irão se utilizar da mesma, pois as orientações didáticas presentes no ambiente podem tanto negar como reforçar os objetivos de aprendizagem, cabendo então um trabalho integrado entre equipe técnica, professoras/es, tutoras/es e cursistas. Pois, como ressalta Cruz (2009), é a partir do momento em que o curso se inicia que começam a surgir os problemas, sendo o tempo para resolvê-los quase inexistente, na eminência de se perder uma/um cursista por problemas com tal técnica de ensino.

Para Leandro Oltramari, Claudia Regina Nichnig e Maria Aparecida Rita Moreira (2009), professor e tutoras também na primeira edição do curso ofertado pela UFSC, a experiência de se ensinar as temáticas de gênero e diversidade na modalidade EaD era inédita também para eles por ter se realizado virtualmente, utilizando-se uma plataforma própria e um material didático especialmente preparado para o curso, mas também por incluir temáticas pouco abordadas nos cursos de aperfeiçoamento que já haviam oferecido para os/as professores/as da rede pública do Estado em outras ocasiões.

Oltramari, Nichnig e Moreira (2009) acrescentam ainda a importância dos encontros presenciais (ainda que mensalmente) na aproximação das/os cursistas com o próprio curso, assim como da importância do próprio pólo de ensino para o acolhimento das e dos cursistas. Na primeira edição do curso na UFSC foram relatados diversos problemas relacionados à familiarização com o Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA), que não impediram o sucesso das atividades, uma vez que as redes de ligação do grupo (suporte técnico, tutoras/es e cursistas) foram estabelecidas através do diálogo e das negociações. A questão da evasão no curso GDE foi apontada pelos autores como uma preocupação do curso na primeira edição. Ainda que a evasão ocorra tanto no ensino presencial como no ensino a distância, parece haver na EaD um controle maior da evasão, uma vez que o/a tutor/a estabelece um contato pessoal mais regular com a/o cursista, contato às vezes dificultado na



educação presencial, por exemplo, em turmas grandes que contam com apenas um professor, na maioria das vezes atuando sem monitores.

#### **4. Encontros virtuais e presenciais: algumas pedras no caminho**

Criado como ambiente de ensino, o Moodle é uma plataforma virtual adotada pelos cursos de ensino à distância da UFSC com o intuito de facilitar a comunicação entre as/as cursistas, as/os professoras/es, e as/os tutoras/es, divulgar os conteúdos do curso e interagir mais com a turma. Na edição 2012/2013 do GDE UFSC, houve algumas complicações relacionadas à implementação da plataforma Moodle no curso que foram discutidas nas reuniões entre a equipe do curso. É importante ressaltar que, inicialmente, o fato mais problemático foi relacionado às dificuldades que as/os tutoras/es tiveram para inscrever seus alunos no ambiente de ensino, não conseguindo imediatamente cadastrar seus/suas cursistas na plataforma

Após o cadastramento das/os cursistas no Moodle, outra dificuldade encontrada foi devido à falta de conhecimento prévio que algumas/alguns alunas/os não tinham a respeito do uso desse tipo de ferramenta de ensino, muitas/os cursistas entravam em contato com sua tutoria informando que não sabiam mexer na plataforma virtual. Tendo, inicialmente, as atividades sido postadas pelas/os tutoras/es através do moodle e sendo constatado que poucas/os cursistas estavam acessando e respondendo às mensagens ou enviando suas atividades, as/os tutoras/es acabaram aceitando o envio das tarefas por e-mail, tornando a avaliação um pouco confusão que pode ter ocasionado a desistência de algumas/alguns dessas/es cursistas logo no início do curso. Esses problemas resultaram em várias discussões nas reuniões de equipe do curso, na tentativa de solucionar a questão o mais rápido possível, mas mesmo assim esse problema acabou se prolongando até aproximadamente a data do segundo encontro nos polos, momento em que o problema foi solucionado e o moodle passou a ser de fácil acesso para os/as cursistas e tutoria em geral.

A implementação dos chats de cursistas com professoras/es e tutoras/es também demorou para começar a acontecer nessa edição devido ao desconhecimento da equipe no uso de seus recursos didáticos virtuais, apesar de ter sido proposto para ocorrer no ambiente virtual de ensino. Depois de algumas reuniões da equipe, perto do momento do terceiro encontro nos pólos, o chat foi incorporado aos cronogramas de ensino a partir das agendas da equipe de cada localidade, com o objetivo pedagógico de estabelecer uma maior conexão com





e entre as/os cursistas, bem como como a criação de uma página no facebook do curso como um canal de comunicação e divulgação das propostas do curso. A princípio o chat foi adotado em caráter de teste apenas no Polo Pouso Redondo, com a participação da professora, dos/as cursistas e as tutoras daquele polo. Tendo tido um resultado positivo de participação e interação com as/os cursistas, a ideia foi prontamente adotada pelos outros pólos principalmente a partir da terceira Reunião Geral do Curso, no início de fevereiro de 2013, que contou também com um dia inteiro de capacitação da plataforma moodle voltada para toda equipe do curso.

Os encontros presenciais nos pólos geralmente ocorriam aos sábados das 09:00 horas às 17:00 horas (exceto no polo de Palmitos, onde o encontro ocorria entre as 14:00 horas e 18:00 horas devido ao compromisso do professor com ensino em sua universidade pela manhã). De modo geral, o primeiro encontro serviu para concretizar a matrícula dos inscritos via e-mail no curso. Conforme o edital, as/os cursistas foram instruídos a se inscreverem via e-mail, enviando formulário de inscrição, e trazer a documentação original junto com a cópia das mesmas no primeiro encontro presencial. Como muitas pessoas em todos os pólos acabaram não comparecendo ao primeiro encontro, adotou-se essa dinâmica ainda em parte do segundo encontro, e posteriormente via email.

Como dinâmica prevista para o primeiro encontro, a equipe de cada polo se apresentou às/aos cursistas, introduzindo ainda algumas das principais temáticas a serem discutidas durante o decorrer do curso, explicando a proposta do GDE, e como funcionaria a utilização da plataforma moodle. Cada professor/a foi construindo em seu pólo uma didática com seu/sua tutor/a, estabelecendo um diálogo entre a equipe na sugestão de atividades e metodologias de ensino a serem propostas. Como parte das dinâmicas desses encontros, a coordenadora geral do curso, professora Miriam Grossi, participou de pelo menos um encontro em cada pólo, construindo reflexões e se aproximando da realidade das/os cursistas dessa edição do GDE.

## **5. A evasão na segunda edição do GDE/UFSC**

Procurando desvelar o índice de evasão e os motivos que levaram algumas/alguns cursistas a desistirem dessa edição do curso, fizemos um levantamento que contou com duas etapas distintas: a primeira etapa se preocupou em levantar dados referentes às/aos inscritas/os, utilizando a base de dados, em que estão cadastradas/os todas as fichas de



inscrição arquivadas pela Secretaria do curso para descobrir informações referentes ao gênero, faixa etária e profissão das/os cursistas. Em seguida analisamos o perfil das/os desistentes por pólo com base nas planilhas enviadas pelas/os tutoras/es em que constam os nomes e contatos das/os cursistas desistentes.

A segunda etapa aconteceu após o levantamento dos dados do perfil das/dos desistentes, quando então construímos uma amostragem de um/uma cursista de cada faixa etária dos diferentes pólos, sendo que quando houvesse homens e mulheres na mesma faixa etária, consideraríamos ambos como fonte de pesquisa. Com os dados da amostragem prontos, decidimos entrar em contato via telefone com pelo menos um/a desistente de cada faixa etária por pólo para tentar descobrir suas razões do abandono do curso, a partir de duas perguntas que consideramos breves e essenciais: a) qual era o motivo que as/os cursistas alegavam como responsável pela desistência do curso; e, b) se o fator geográfico ou a interação com o ambiente virtual de ensino foram responsáveis pela desistência. Apresentamos na seção a seguir os resultados que encontramos em nosso levantamento.

### 5.1 Evasões no GDE IEG/UFSC 2012/2013: Resultados Encontrados

Procurando evidenciar o nível de evasão do curso, assim como procurar traçar o perfil da/do cursista desistente dessa edição do GDE IEG/UFSC, levantamos nessa seção alguns parâmetros que nos permitem construir algumas conclusões a respeito da evasão nesse curso em particular. A princípio demonstraremos os dados levantados de modo geral, para em seguida analisarmos a evasão do curso por pólo, tentando evidenciar possíveis particularidades de cada localidade.

Como podemos observar na Tabela 1, nessa edição do GDE, houve 303 inscritas/os, sendo 281 mulheres e 22 homens. Desse total, aproximadamente 69 cursistas desistiram do curso, o equivalente a 19% dos cursistas inscritos, sendo que desistiram 23% das mulheres inscritas (65 cursistas mulheres) e 9% dos homens (dois cursistas) desistiram do curso. Sendo muito maior, 93%, o número de mulheres inscritas no curso.

| Pólo            | Inscritas/os | Mulheres | Homens | Desistentes | Mulheres | Homens |
|-----------------|--------------|----------|--------|-------------|----------|--------|
| Florianópolis 1 | 51           | 46       | 5      | 5           | 3        | 2      |
| Florianópolis 2 | 47           | 42       | 5      | 7           | 5        | 2      |
| Itapema         | 57           | 54       | 3      | 14          | 14       | -      |
| Palmitos        | 52           | 51       | 1      | 21          | 21       | -      |
| Pouso Redondo   | 44           | 42       | 2      | 21          | 21       | -      |
| Praia Grande    | 52           | 46       | 6      | 1           | 1        | -      |





|       |     |     |    |    |    |   |
|-------|-----|-----|----|----|----|---|
| Total | 303 | 281 | 22 | 69 | 65 | 4 |
|-------|-----|-----|----|----|----|---|

Tabela 1: Número de inscritas/os e desistentes por pólo do curso GDE/UFSC 2013. Fonte: As autoras (2013).

Notamos ainda que a grande maioria das/os inscritas dessa edição do curso na UFSC são professoras e professores da rede pública e particular de ensino regional, totalizando um número de 211 cursistas que atuam nessa atividade profissional, como podemos observar na Tabela 2. Encontramos ainda cursistas que atuam como diretoras/es e coordenadoras/es de ensino, assim como assistentes educacionais e auxiliares de sala nessa edição.

| Profissionais inscritas/os                | Quantidade de cursistas | %     |
|-------------------------------------------|-------------------------|-------|
| Professor/a                               | 211                     | 69,6% |
| Diretor/a / Coordenador/a                 | 20                      | 6,6%  |
| Assistente Educacional / Auxiliar de Sala | 49                      | 16,2% |
| Sem vínculo ou não informado              | 23                      | 7,6%  |

Tabela 2: Atividades profissionais das/os cursistas do GDE/UFSC 2013. Fonte: As autoras (2013).

Neste levantamento procuramos, também, identificar em quais áreas profissionais atuavam as/os desistentes. Como podemos observar na Tabela 3, a maioria destas/es são professoras/es (2,3% das/os cursistas), havendo ainda assistentes educacionais e auxiliares de sala (6%), diretoras/es e coordenadoras/es (1,3%), assistentes sociais (1%) e cursistas que no momento da inscrição não tinham nenhum vínculo empregatício (6%), assim como diversas outras funções que juntas não somavam mais de 2,3% das/os desistentes.

| Pólo            | Professor/a | Diretor/a / Coordenador/a | Assistente Educacional/ Auxiliar de sala | Assistente Social | Sem vínculo ou Não informado |
|-----------------|-------------|---------------------------|------------------------------------------|-------------------|------------------------------|
| Florianópolis 1 | 7           | -                         | -                                        | -                 | -                            |
| Florianópolis 2 | 4           | -                         | -                                        | -                 | 1                            |
| Itapema         | 8           | 1                         | 2                                        | -                 | 3                            |
| Palmitos        | 15          | -                         | -                                        | 3                 | 3                            |
| Pouso Redondo   | 17          | 2                         | 2                                        | -                 | -                            |
| Praia Grande    | 1           | -                         | -                                        | -                 | -                            |
| Total           | 52          | 3                         | 4                                        | 3                 | 7                            |

Tabela 3: Atividades profissionais das/os cursistas desistentes da edição do GDE/UFSC 2013. Fonte: As autoras (2013).

Em relação a quantidade de horas de trabalho semanais, podemos observar na Tabela 4 que a grande maioria das/os cursistas inscritas nessa edição atua 40 horas por semana (184 cursistas, que representa 60,7% dos cursistas inscritas/os nessa edição). Há ainda profissionais atuando 10 horas (1,7%), 20 horas (17%), 30 horas (11%) e até mais de 40 horas semanais (3,6%).

| Horas de trabalho / semana | Quantidade de cursistas | %    |
|----------------------------|-------------------------|------|
| 10 horas semanais          | 5                       | 1,7% |
| 20 horas semanais          | 50                      | 17%  |
| 30 horas semanais          | 33                      | 11%  |



|                              |     |       |
|------------------------------|-----|-------|
| 40 horas semanais            | 184 | 60,7% |
| Mais de 40 horas semanais    | 11  | 3,6%  |
| Sem vínculo ou não informado | 20  | 6,6%  |

Tabela 4: Carga horária das/os cursistas GDE/UFSC 2013. Fonte: As autoras (2013).

Outro dado que consideramos relevante ao analisar o perfil das/os desistentes foi a carga horária de trabalho destes. Como podemos perceber na Tabela 5, grande parte das desistentes tem vínculo de 40 horas semanais (16,5%), as/os outras/os cursistas desistentes se dividem em 20 horas (3%) e 2% a 30 horas semanais. Vale ressaltar que, como já descrito nas tabelas 3 e 4, a maioria dessas/es profissionais atuam na rede pública de educação municipal ou estadual de Santa Catarina.

| Pólo            | 20 horas | 30 horas | 40 horas |
|-----------------|----------|----------|----------|
| Itapema         | 2        | -        | 11       |
| Florianópolis 1 | -        | 1        | 3        |
| Florianópolis 2 | 1        | 2        | 4        |
| Palmitos        | 4        | 1        | 14       |
| Pouso Redondo   | 1        | 2        | 18       |
| Praia Grande    | 1        | -        | -        |
| Total           | 9        | 6        | 50       |

Tabela 5: Carga horária semanal das/os cursistas desistentes da edição do GDE/UFSC 2013. Fonte: As autoras (2013).

Na Tabela 6, podemos verificar que a maioria das/os inscritas/os do curso GDE nessa edição estão na faixa entre os 30 e 40 anos de idade (117 cursistas estavam nessa faixa etária no momento da inscrição, representando 38,6% da quantidade de inscritas/os no curso). Houve ainda grande participação de pessoas mais jovens entre 20 e 30 anos (25,7%) e entre 40 e 50 anos (23,4%). Apesar de aparecerem em menor quantidade, tivemos ainda cursistas com mais de 50 anos nessa edição (8,9%).

| Faixa etária    | Quantidade de cursistas | %     |
|-----------------|-------------------------|-------|
| 20 a 30 anos    | 78                      | 25,7% |
| 30 a 40 anos    | 117                     | 38,6% |
| 40 a 50 anos    | 71                      | 23,4% |
| Mais de 50 anos | 27                      | 8,9%  |
| Não informado   | 10                      | 3,3%  |

Tabela 6: Faixa etária das/os cursistas do GDE/UFSC 2013. Fonte: As autoras (2013).

Conseguiu-se perceber ainda (Tabela 7) que, referente à faixa etária das/os cursistas que desistiram do curso nessa edição, a maioria têm entre 20 e 40 anos de idade, 9,2% de 20 a 30 anos, seguido de 8,2% de 30 a 40 anos, e 4% de 40 a 50 anos e apenas 2% das/os cursistas que desistiram estão com mais de 50 anos de idade.

| Pólo             | 20 a 30 anos | 30 a 40 anos | 40 a 50 anos | Mais de 50 anos |
|------------------|--------------|--------------|--------------|-----------------|
| Itapema          | 7            | 4            | 3            | -               |
| Florianópolis 01 | 2            | 1            | 1            | 1               |
| Florianópolis 02 | 3            | 1            | 3            | -               |



|               |    |    |    |   |
|---------------|----|----|----|---|
| Palmitos      | 5  | 12 | 2  | 2 |
| Pouso Redondo | 10 | 7  | 3  | 1 |
| Praia Grande  | 1  | -  | -  | - |
| Total         | 28 | 25 | 12 | 4 |

Tabela 5: Faixa etária das/os cursistas desistentes da edição do GDE/UFSC 2013. Fonte: As autoras (2013).

Na seção a seguir, apresentamos um pouco do quadro de evasão de cada pólo nessa edição do curso.

### 5.1.1 – A evasão por pólo

#### a) Palmitos

Palmitos é um município brasileiro localizado na microrregião de Chapecó, em Santa Catarina, com um histórico de uma forte colonização européia e contando com uma população de aproximadamente 16.050 habitantes. O curso GDE nesse pólo foi ministrado pelo professor Luiz Henrique Passador, vinculado à Universidade Federal da Fronteira Sul, Doutor em Antropologia Social pela UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas com tese sobre HIV/Aids no Sul de Moçambique e estágio de doutorado sanduíche no Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique). A tutoria a distância desse pólo foi realizada por Grazielle Regina de Amorim Arraes, Doutoranda e Mestre em História pela UFSC, estudando em sua tese a questão da prevenção versus a noção de risco a partir da Aids e do comportamento sexual.

Uma das características importantes deste pólo foi o fato da maioria das cursistas viajar de outras cidades para participar do curso, sendo em alguns casos, de viagens de 3 horas de carro, tendo menos que a metade da turma (40%) residentes no município de Palmitos. No pólo de Palmitos das/os 53 cursistas (52 cursistas mulheres e apenas um cursista homem) inscritas/o no GDE, houve evasão de aproximadamente 21 cursistas, o que representa 40% de todas/os cursistas. De modo geral, todas as desistentes do curso nesse pólo são mulheres, que naquele momento atuavam na rede de ensino (28,8% são professoras, 5,8% são assistentes sociais, 5,8% não apresentava vínculo empregatício ou não informaram sobre o mesmo no momento da inscrição) em jornadas de 20 horas (7,7%), 30 horas (1,9%) e 40 horas (26,9%). Em relação a faixa etária das desistentes do curso em Palmitos, a maioria tem entre 30 a 40 anos de idade (23%), havendo ainda desistentes na faixa etária dos 20 aos 30 anos (9,6%), de 40 a 50 anos (3,8%) e outras que não informaram sua data de nascimento nos formulários de inscrição.



Em relação a participação dessas/es cursistas nos encontros presenciais, 43% das desistentes nunca participaram de nenhum encontro no pólo, 33% participaram apenas do primeiro encontro, 19% participaram do primeiro e do segundo encontro, e apenas uma cursista desistente participou de quase todos os encontros (exceto o primeiro) e ainda assim não concluiu o curso. Ou seja, neste pólo, verificou-se uma desistência generalizada antes do início do curso, uma vez que um número significativo dos desistentes (43%) nunca participaram de nenhum encontro.

Quando indagadas a respeito do motivo de sua desistência observamos tanto a alegação de sobrecarga de trabalho quanto de dificuldades no uso do moodle como razões de se afastar do curso, encontramos os seguintes relatos<sup>2</sup>:

*“Desisti por não ter tempo de fazer as atividades do curso e por ter que cuidar dos filhos e trabalhar muito - 40 horas semanais. Não cheguei a acessar a plataforma moodle porque estava esperando a senha ser gerada (Juliana, na faixa etária entre 20 e 30 anos)”.*

*“O motivo de minha desistência é o fato de estar sobrecarregada, pois estudo a noite e trabalho durante o dia, e não tinha tempo para conciliar as atividades do curso com a faculdade e o trabalho. Para acessar a plataforma moodle, tive dificuldade apenas no começo, pois estava aprendendo, depois consegui acessar (Vera, na faixa etária entre 30 e 40 anos)”.*

Os relatos acima mostram que uma das características das desistentes é o excesso de trabalho vinculado a compromissos de ordem pessoal, como a formação universitária e o cuidado dos filhos e família, revelando também valores e atitudes de gênero.

#### **b) Pouso redondo:**

Pouso Redondo está localizado no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, e conta com uma população de aproximadamente 14.307 habitantes, tendo uma colonização alemã e italiana bastante representativa na região. O curso GDE nesse pólo foi ministrado pela professora Tania Welter, Doutora e Mestre em Antropologia Social pela UFSC, e também professora da Universidade Federal da Fronteira Sul em Chapecó. Professora Tania é também integrante do grupo de pesquisa Práticas Interdisciplinares em Sociabilidades e Territórios (PEST), membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e especialista em Educação Sexual pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Contando com a

---

<sup>2</sup> Em todos os relatos de cursistas neste capítulo, os nomes foram trocados por pseudônimos, para preservar o anonimato das falas.



tutoria a distância inicial de Isabel Maria Barreiros Lucktenberg, Mestre e Doutoranda em Literatura pela UFSC (estudando em sua tese escritoras brasileiras e suas leituras), as cursistas tiveram sua tutoria substituída em meados de março de 2013 por Izabela Liz Schlindwein, Doutoranda Interdisciplinar em Ciências Humanas pela UFSC estudando a produção textual da feminista alemã do século XIX Julie Engell-Günther.

Assim como Palmitos, o pólo de Pouso Redondo apresentou também um alto índice de evasão do curso Gênero e Diversidade na Escola, onde das/os 44 inscritos/as, 48% desistiram do curso, o que representa um total de 21 desistentes nesse pólo. Composto em sua maioria por cursistas mulheres (96%), podemos notar que todas as desistentes do curso nesse pólo também são mulheres. Assim como no pólo de Palmitos entre essas desistentes, 48% desistiram sem nunca participarem de nenhum encontro presencial, tendo o restante participado de ao menos um encontro.

Procurando ainda tentar definir quem seria a cursista desistente em Pouso Redondo, decidimos tentar desvelar a faixa etária em que se encontram assim como em qual área profissional atuavam no momento da inscrição. O que podemos observar é que a grande maioria das cursistas desistentes deste pólo (40,9%) trabalhava 40 horas semanais como professoras (38,6%), em sua maioria são jovens (22,7%) entre 20 e 30 anos, seguida por 16% de mulheres entre 30 e 40 anos, tendo algumas desistentes (6,8%) entre 40 e 50 anos e apenas uma cursista com mais de 50 anos.

Questionadas a respeito do motivo das desistências nesse pólo, obtivemos alguns relatos que buscam retratar um pouco da realidade vivida nesse pólo, observando que também foram alegadas sobrecarga de trabalho e problemas de conciliar a formação universitária, também feita em cursos a distância no mesmo pólo, com o GDE.

*“Curso Letras na universidade e trabalho 50 horas semanais, o motivo de minha desistência foi o fato de estar muito sobrecarregada com as tarefas da faculdade e com o trabalho, não tendo tempo. Quanto à plataforma moodle não tive dificuldades (Mariana, na faixa etária entre 30 e 40 anos)”*.

*“Desisti por falta de tempo e excesso de trabalho, não cheguei a acessar a plataforma moodle (Lolita, na faixa etária dos 40 aos 50 anos)”*.

Destacamos um depoimento que relata o problema de acesso à internet, dado significativo para a frequência em um curso a distância:

*“Minha desistência, foi devido morar longe e minha residência não pegar a internet - eu tinha que ir na casa da vizinha para acessar o moodle e acabei desistindo (Daniela, na faixa etária com mais de 50 anos)”*.

### c) Itapema:



Localizado no litoral catarinense, Itapema contava em 2013 com uma população de aproximadamente 48.000 habitantes. Originalmente povoada por populações indígenas, desde o século XVIII foi ocupada pela colonização açoriana. Nesse pólo, as aulas foram conduzidas pela professora Marivete Gesser, Doutora em Psicologia pela UFSC e Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora no Departamento de Psicologia da UFSC. A professora Marivete é ainda pesquisadora do MEC no âmbito da Prevenção às Violências na Escola e integrante do Margens (Núcleo de Estudos Modos de Vida, Família e Relações de gênero) e do NED (Núcleo de Estudos sobre Deficiência). O curso GDE em Itapema foi tutoriado a distância por Soraia Carolina de Mello, Doutoranda e Mestre em História pela UFSC, realizando sua tese a partir do estudo do trabalho doméstico, da Imprensa feminina e imprensa feminista no Brasil e na Argentina entre 1970 e 1989.

O número de evasão do curso GDE no pólo de Itapema também foi alto: da/s 57 inscritas/os, observamos um total de 14 desistentes, o equivalente a 25% dos inicialmente matriculados/as no curso. Nesse pólo houve também a predominância de cursistas mulheres (95%) e todas as desistentes eram mulheres. Em relação à participação dessas cursistas desistentes nos encontros presenciais observamos a ausência de 21% destas já no primeiro encontro, 79% das desistentes participaram apenas de um encontro nesse pólo.

Procurando traçar o perfil das cursistas desistentes do pólo de Itapema, verificamos que metade das desistentes deste pólo estavam na faixa etária dos 20 aos 30 anos (12,3%), havendo ainda desistentes na faixa etária dos 30 e 40 anos (7%) e entre 40 e 50 anos de idade (5,3%). A grande maioria das desistentes desse pólo estavam atuando como professoras (14%) 40 horas semanais (25%), havendo ainda assistentes e orientadoras educacionais (3,5%), e 5,3% em outras funções diversas e outras profissionais sem vínculo empregatício no momento da inscrição. Os principais motivos apontados por algumas desistentes desse pólo foram compromissos particulares e a distancia do pólo:

*“O motivo da desistência é que **moro longe e tinha dificuldades de chegar até o pólo**. Não tive dificuldades de acessar o moodle (Joana, na faixa etária entre 30 e 40 anos)”..*

*“Desisti por **motivos particulares**. Não tive dificuldades de acessar a plataforma moodle (Flavia, na faixa etária entre 40 e 50 anos)”.*

Chama a atenção que entre as cursistas desistentes do Pólo de Itapema não houve queixas em relação ao acesso ao sistema moodle, mostrando que se trata de um grupo que já teve experiências anteriores de ensino a distância e alfabetização tecnológica.





#### **d) Florianópolis**

Capital do Estado de Santa Catarina, Florianópolis é também a capital brasileira com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), além de ser o terceiro município com o mais alto valor do índice no país, segundo os mais recentes dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento em 2010. De acordo com estimativa do IBGE, Florianópolis conta com uma população aproximada de 433.158 habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa do estado, superada apenas por Joinville. Considerando ainda sua região metropolitana (formada por Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu, Santo Amaro da Imperatriz, Governador Celso Ramos, Antônio Carlos, Águas Mornas e São Pedro de Alcântara), a Grande Florianópolis possui uma população de aproximadamente 1.012.831 habitantes. Sendo a capital do estado de Santa Catarina este pólo acabou por concentrar duas turmas de 50 alunos/as, tendo cada uma dessas turmas uma equipe de professoras e tutoras/es distintas. Uma das turmas do GDE em Florianópolis foi ministrada pela também Subcoordenadora do curso, a professora Olga Regina Zigelli Garcia, professora do Departamento de Enfermagem da UFSC, Mestre em Enfermagem e Doutora em Ciências Humanas, tendo estudado em sua tese a questão das sexualidades femininas e prazer sexual. Essa turma foi tutoriada pela Mestre e Doutoranda em Antropologia Social, Anna Carolina Hostmann Amorim, pesquisadora com estudos na questão da homoparentalidade.

Nessa turma foram inscritas/os 51 cursistas, tendo sua composição predominante de mulheres cursistas (90,2%). Do total de inscritas/os foi observado uma evasão de apenas 10% dos cursistas (ou seja 6 pessoas desistiram do curso). Em Florianópolis observamos que a desistência se deu ao longo do curso. Em relação ao perfil das desistentes dessa turma do pólo de Florianópolis, 3,9% estão na faixa etária entre 20 e 30 anos, 2% entre 30 e 40 anos, 2% entre 40 e 50 anos, e 2% têm mais de 50 anos. Destas/es, 13,7% são professoras/es atuando em sua maioria (5,9%) 40 horas semanais na função, e excetuando-se as/os desistentes que não exercem atividade formal remunerada, o restante trabalha 30 horas semanais em sua atividade profissional. Entre os principais motivos de desistência destacamos haviam questões familiares, o fato de já estar cursando faculdade e a questão do deslocamento na Grande Florianópolis:

*“Desisti por motivos pessoais, **tinha que cuidar do filho que estava doente e também por morar longe (Palhoça)** e o pólo é no centro (de Florianópolis). Não tive dificuldades de acessar a plataforma moodle (lara, na faixa etária dos 20 aos 30 anos)”.*



*“Minha desistência foi devido estar cursando Pedagogia a distância e as provas estavam marcadas todas para sábado, e não tive como continuar o curso. Não tive nenhuma dificuldade de acessar o moodle (Alexandre, na faixa etária entre 20 e 30 anos)”*.

Em Florianópolis foi um dos poucos pólos em que houve reclamação sobre a qualidade e densidade teórica do curso:

*“Desisti devido não ter gostado do curso, pois o curso não tinha um aprofundamento teórico, achei falta de preparo na organização, e estava mais interessado no embasamento teórico que no curso. Não tive dificuldade em acessar a plataforma moodle (João, na faixa etária entre 30 e 40 anos)”*. (OBS: este cursista é mestrando e estuda masculinidades, portanto já têm um conhecimento prévio nas temáticas do curso)

É importante justificar que a outra turma desse pólo surgiu a partir de uma alta demanda por parte de cursistas da Grande Florianópolis procurando o curso para se inscreverem via e-mail e via telefone. Nessa segunda turma, as aulas se iniciaram tardiamente (o primeiro encontro dessa turma aconteceu juntamente com o segundo encontro presencial da primeira turma do pólo Florianópolis), visto que em caráter de exceção a mesma acabou por surgir, dando a oportunidade de mais pessoas se inscreverem dentro do novo prazo que foi aberto. A equipe dessa segunda turma era composta pela professora Regina Ingrid Bragagnolo, professora no Núcleo de Desenvolvimento Infantil NDI/CED (UFSC), Doutora em Psicologia e Mestre em Educação pela UFSC e com a tutoria de Maise Caroline Zucco, professora substituta do Departamento de Metodologia de Ensino, ligada a área de História, da UFSC, Mestre e Doutoranda em História na mesma instituição estudando a questão do trânsito de saberes feministas no Brasil e Argentina.

Na segunda turma do pólo de Florianópolis, dos 47 inscritas/os, 42 cursistas eram mulheres e cinco cursistas homens. Desse total, 15% (ou sete cursistas) desistiram. Nesse pólo, 6,4% das/os desistentes estavam na faixa etária dos 20 a 30 anos, 6,4% entre 30 a 40 anos, e os demais entre 40 a 50 anos (2,1%). Ressaltamos ainda todas/os cursistas desistentes deste pólo atuavam como professoras/es da rede de ensino 40 horas (8,5%), 30 horas (4,2%), e 20 horas semanais (2,1%). Dessas/es desistentes, observamos ainda que 71% destes participou ao menos de um encontro presencial, sendo que 29% participou do primeiro encontro, 43% do segundo e apenas 14% participaram do terceiro encontro, demonstrando que gradativamente iam desistindo do curso.

Quando indagadas/os a respeito da possível causa ou do principal motivo que as/os fizeram desistir do curso, escutamos justificativas similares a de outros pólos, mas chamou a



atenção o fato de que muitas relatavam ter outros compromissos de formação acadêmica nos sábados:

*“Curso Excelente, desisti porque não tinha disponibilidade de horário, pois estudo na UDESC, e me reúno com o meu grupo de estudo todo o sábado e fiquei sobrecarregada, pois também trabalho. Não tive dificuldades de acessar a plataforma moodle porque já conheço e utilizo nas atividades do meu curso (Silvana, na faixa etária dos 20 aos 30 anos)”.*

*“O motivo da desistência foi o fato de estar sobrecarregada e também por ter dificuldades de acessar a plataforma moodle (Thais, na faixa etária entre 30 e 40 anos)”.*

#### **d) Praia Grande**

Praia Grande está localizado na divisa entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a 280 km de Florianópolis. A cidade foi povoada por descendentes de açorianos, portugueses e italianos, e conta hoje com uma população aproximada de 7.102 habitantes. Em Praia Grande, o curso GDE foi ministrado pelo professor Leandro Castro Oltramari, Mestre em Psicologia e Doutor Interdisciplinar em Ciências Humanas pela UFSC. Nesse pólo, a tutoria a distância foi realizada pela Doutoranda e Mestre em Antropologia Social pela UFSC, Bianca Ferreira Oliveira, estudando em sua tese a religiosidade afro-brasileira.

O pólo de Praia Grande se destaca por ter sido o pólo com a menor evasão do curso GDE UFSC em 2013. Dentre as/os 54 inscritas/os (85% mulheres e 15% homens), apenas uma cursista desistiu do curso, configurando-se como uma desistência de 1,8 % dos cursistas. Essa cursista atuava como professora 20 horas semanais, e estava na faixa etária entre 30 e 40 anos de idade e chegou a participar dos dois primeiros encontros no pólo. Indagada frente ao motivo de sua desistência, a cursista afirma que:

*“Desisti pelo fato de **minha filha ter ficado doente e tive que cuidar dela**. Faltei dois sábados e acabei desistindo, pois não estava conseguindo fazer as atividades pela falta de tempo. Tive dificuldades de acessar o moodle e tive que criar um novo e-mail, pois o meu não estava dando certo para acessar e acabei nunca ter conseguido entrar no moodle (Larissa, na faixa etária entre 30 e 40 anos de idade)”.*

A baixíssima desistência no pólo de Praia Grande nos fez pensar em inúmeros fatores do forte impacto do curso no lugar. Primeiramente, observamos o significativo papel que a coordenadora do pólo e a tutora presencial tiveram no convite e construção de vínculo das e dos cursistas com o curso. Também soubemos, em entrevista com a coordenadora do pólo, que havia uma grande demanda de cursos a distância no pólo mas, este era raramente contemplado com outras ofertas. Por fim, observamos que a maioria dos cursistas deste pólo



viviam na cidade de Praia Grande, sendo muito pequeno o número de cursistas que se deslocavam de cidades próximas para realização do curso. Certamente estes dados apontam para a importância da estrutura do pólo e das relações locais para o sucesso de um curso a distância como o GDE.

## 5. Considerações finais

Estudar a distância implica em muitos desafios, estudar temáticas tão plenas de subjetividades que são tratadas no curso Gênero e Diversidade na Escola torna tais desafios ainda maiores. Descobrir os motivos que fazem as/os mais diversos profissionais da educação se inscreverem e em seguida desistirem do curso, é essencial para tentar criar e planejar metodologias mais inclusivas em cursos que trabalhem a questão da diversidade e de gênero a distância e construir estratégias para a cada nova edição diminuir a evasão de cursistas. Nesse artigo pudemos observar o quadro de evasão da segunda edição do curso GDE UFSC em Santa Catarina em cinco diferentes municípios, demonstrando que, ainda que a grande maioria das/os cursistas que procuram a formação continuada nesta temática seja mulheres, a maioria que desiste do curso também o é. É importante lembrar que, desde que entraram no mercado de trabalho, grande parte das mulheres que trabalham no país exercem jornadas duplas (e até intermitentes) de trabalho ao somar às atividades profissionais e atividades de estudo, as atividades domésticas que muitas vezes elas são responsáveis: seja no cuidado dos filhos, seja no cuidados dos entes queridos mais idosos ou debilitados, seja na própria rotina cotidiana do lar. Nessa edição do GDE, muitos dos relatos das desistentes coincidem com tal demanda, mostrando que parte do abandono do curso está relacionado ao fato destas ainda serem as principais responsáveis pelos filhos e familiares. Todavia também nos chamou a atenção, o fato de que muitas das desistentes destacaram o fato de estarem cursando cursos universitários como a razão da sobrecarga que as levou a desistir do GDE. Este dado nos pareceu significativo do perfil das professoras da educação básica no interior de Santa Catarina e o potencial que um curso como o GDE tem na qualificação profissional destas mulheres.

No conjunto dos motivos apontados pelas cursistas/desistentes a maioria aponta a falta de tempo para se dedicar ao curso como obstáculo decisivo para o abandono do curso, havendo ainda quem se queixasse de problemas pessoais, distância do pólo de ensino, realização de curso universitário. Chamou-nos atenção, que diferentemente da primeira edição do GDE (realizada em 2008-2009) foram pouco acusados os problemas com o ambiente



virtual de ensino como razão do abandono. Observamos também que há também uma demanda de que o GDE seja um curso com conteúdos mais avançados teoricamente, o que mostra a existência no estado de Santa Catarina de professoras e professores já iniciados nas temáticas de gênero e outras diversidades em busca de aprofundamento em sua formação.

Perceber e refletir sobre estas razões apontadas pelas cursistas desistentes são fundamentais na construção de uma nova edição do curso. Constatamos que é importante que se compreendam as diferentes agendas das/os cursistas, que são diferentes no interior do estado e na capital e que também se esclareça desde o início o tipo de compromisso e exigência do curso para evitar a desistência de pessoas já engajadas em outras formações profissionais. Compreendemos ainda que o contato presencial é muito importante para a criação de vínculos entre cursistas e equipe de formadores e que também conta muito para a permanência no curso a forma como a coordenação local do pólo e tutoria atendem e lidam com os problemas das cursistas. Também percebemos, que em alguns pólo é necessário aprimorar o uso do ambiente virtual de ensino como uma ferramenta didática do curso para incorporar a reflexão sobre gênero e diversidade eficiente na formação continuada desses profissionais da educação, tornando assim quem, sabe, a educação mais digna e inclusiva nas diversas escolas do país.

## 6. REFERÊNCIAS

- CRUZ, Tânia Mara. A ferramenta diário na construção de percursos formativos na educação a distância. In: CABRAL, Carla G. e MINELLA, Luzinete S. (orgs). *Práticas pedagógicas e emancipação: Gênero e diversidade na escola*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009. p. 39 – 66.
- HEILBORN, Maria Luiza; ROHDEN, Fabíola. Gênero e Diversidade na Escola: a ampliação do debate. In: BARRETO, Andreia; ARAÚJO, Leila; PEREIRA, Maria Elisabete (Org.). *Gênero e Diversidade na Escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Brasília: SPM, 2012. p. 11 - 12.
- PRETI, Oreste. Educação a distância e globalização: desafios e tendências. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Vol. 79, No 191. 1998.
- OLTRAMARI, Leandro; NICHNIG, Claudia Regina; MOREIRA, Maria Aparecida Rita (2009). Ensino a distância, especificidades da formação e encontros presenciais: o GDE em Itapema. In: CABRAL, Carla G. e MINELLA, Luzinete S. (orgs). *Práticas pedagógicas e emancipação: Gênero e diversidade na escola*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009. p. 211 – 220.
- VARGAS, Miramar Ramos Maia; LIMA, Suzana Maria Valle. Barreiras à implantação de programas de educação e treinamento a distância. *XI Congresso Internacional de Educação a Distância: Avaliação - Compromisso para a qualidade e resultados*. Salvador. Abril, 2004.